

UM JORNAL PARA LUTAR

19 anos de luta pela democratização
dos meios de comunicação

Em defesa da baixada de Jacarepaguá



**10 de março
2005 - 2024**

Ano 20 - Março de 2024 - N° 172 • (21) 97143-4821 • Site: www.jaajrj.com.br • facebook.com/jaajrj

EDITORIAL*

JAAJ 19 anos na luta em defesa
da Baixada de Jacarepaguá e do Rio de Janeiro

Este Editorial que publicamos em abril de 2005,
na edição de número 1, continua bem atual.
É nossa razão de existência e resistência!

Nada de grande no mundo é feito sem paixão

Essa belíssima frase é de Hegel. Queremos escrevê-la assim: Nós estamos fazendo com paixão e muita luta o *Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens*.

Paixão porque é um sonho. Um daqueles acalentados há mais de vinte anos. Paixão por querer um jornal que retratasse a luta, a perseverança e a resistência do povo organizado da Baixada de Jacarepaguá por melhores condições de vida.

Muita luta porque não temos apoio de nenhum grupo econômico. Muita luta porque o que não falta é um monte de jornais de bairro – muitos sem projeto editorial claro, sem propósito, sem conteúdo, só para publicar meia dúzia de abobrinhas em 20 páginas e conseguir os seus anúncios. Porém é a livre iniciativa, a livre manifestação. E nós lutamos pela liberdade de expressão e pela democracia, e assim respeitamos todos os jornais existentes na região, inclusive o Globo-Barra (este não traz uma luta de nossa gente sofrida das comunidades).

O *Jornal Abaixo-Assinado* foi lançado nas ruas em março de 2005. A repercussão, extremamente positiva, nos deu a certeza que a nossa linha editorial de defesa das comunidades e participação direta nas causas populares, como o da família da Gabriela, deve ser preservada - é a nossa diferença frente aos demais.

As manifestações de apoio de líderes comunitários, sindicalistas, estudantes, professores e donas de casa, além da boa receptividade nas ruas pelo nosso povo, expressam o acerto dessa nossa filosofia. Por isso acreditamos que o caminho é a construção de uma forte aliança com o movimento popular e cultural, e até com os pequenos e médios empresários de nossa região, na defesa da dignidade humana e de uma vida melhor para todos.

Pode nos faltar apoio dos ricos ou das grandes empresas, mesmo assim colocaremos o *Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens* nas ruas, custe o que custar, doa a quem doer, porque o que importa para nós não é a sua dimensão física, e sim a sua dimensão política e social em defesa dos oprimidos.

Crescem os assaltos e os casos de dengue em Jacarepaguá

O povo de Jacarepaguá, Barra, Recreio e das Vargens está num fogo cruzado. Se não cai doente com a dengue, cai no meio de tiroteios. Cresceram os casos de dengue. E com a mesma velocidade cresceram os assaltos na região. São duas epidemias que afetam a população. *Página 3*



O antigo Parque dos Atletas tem muito assalto

Viva o 8 de março A História de Luta das Mulheres de Jacarepaguá e da Zona Oeste

A luta da guerreira Luizinha de Nanã



O JAAJ faz uma singela homenagem ao Dia Internacional de Luta da Mulher e entrevista Luizinha de Nanã que é lalorixá e Defensora dos Direitos Humanos. *Página 5*

Descobrimo talento
A dança é a arte da carioca da
Praça Seca: Elvira Vicente
Página 7

Maconha medicinal

Confira a análise da professora Maria de Lourdes Silva que propõe um debate mais amplo a respeito da proibição da cannabis, uma vez que se convive com o comércio (legalizado e muito lucrativo) dos usos medicinais da planta ao mesmo tempo que se mantém a perseguição, a condenação à prisão e à morte de quem a utiliza. Portanto, se a planta serve para tratar pessoas, por que ela permanece proibida? *Página 4*



História da Região

- A história dos hospitais de isolamento em Jacarepaguá
- A história não contada do massacre da Praça Sentinela, na Taquara, e os 60 anos do golpe militar

Páginas 6 e 8



Cozinha da Tia Neli

Pão de leite em pó

Ingredientes

- 1 ovo
- 6 colheres (sopa) rasas de leite em pó
- 1 colher (sopa) cheia de queijo parmesão (eu usei da marca "presidente")
- 1 colher (café) fermento para bolo

Modo de Fazer

1. Bata o ovo com um garfo até homogeneizar. Acrescente o queijo e o leite e misture bem.
2. Coloque o fermento e misture delicadamente.
3. Polvilhe com gergelim ou a semente de sua preferência.
4. Transfira essa mistura para uma formi-



nha untada e asse na Air fryer pré-aquecida a 160°C por 10 minutos.
5. Espere esfriar um pouco, coloque o recheio de sua preferência e se delicie com esse pãozinho.



Professora Juliana Bernardo

Dicas para fazer redação

A crase, concordância verbal e o uso do "para mim" ou do "para eu"

Olá, pessoal, tudo bem? Nesta edição trarei dicas de três importantes aspectos da Língua Portuguesa, no tocante à norma culta, ao sucesso da escrita: o fenômeno da Crase, a Concordância Verbal e o uso do "para mim" ou do "para eu".

Crase é quase um "bicho de sete cabeças" na hora dos estudos. Muitas regras a serem decoradas fazem com que muitos alunos desistam dessa parte da gramática. Para facilitar um pouquinho, seguem alguns casos em que o uso dela é proibido. **1)** Antes de palavra masculina. "Andava todos os dias a pé." "Graças a Deus, todos estão bem." **2)** Antes de artigo indefinido. "Chegaram a um veredito: ele é inocente." **3)** Antes de verbo. "Voltaram a estudar depois de anos." **4)** Antes de pronomes pessoais do caso reto e de pronomes indefinidos. "Não entreguei a ela o documento." "Pedi a todos que comparecessem na data de ontem." **5)** Antes de expressões de tratamento. "Entregou o envelope a vossa senhoria." **6)** Quando o

"a" estiver no singular, e a palavra seguinte, no plural. "Deu o material a pessoas desconhecidas."

Concordância Verbal é atributo significativo para a escrita das produções textuais. Portanto, atente-se à regra principal que é a de que o sujeito concorda com o verbo conforme o exemplo: "Juliana, Bruna e o restante do grupo **terminaram** as tarefas no prazo determinado. Lembre-se de que ao fazer referência a pessoas, devemos escrever "restante" e não "resto".

Quanto ao uso do "para mim" ou do "para eu", a utilização de cada expressão dependerá do posicionamento, pois o "mim" é um pronome pessoal oblíquo tônico e deve estar sempre precedido por uma preposição, ao passo que o "eu" apresenta-se anterior a um verbo determinando uma ação. "Traga aquela roupa **para (preposição que precede o pronome) mim.**" "Deixe isso **para eu fazer. (verbo que determina a ação)**"

Estudem bastante, ok?



EM DEFESA DOS ANIMAIS Vaneide Carmo

Descaso do poder público e falta de fiscalização

Anos se passaram e a cada dia aumenta a quantidade de animais abandonados na cidade e em outros municípios. Os governos não fazem uma operação com inteligência no combater ao abandono de modo geral. A situação está piorando dia após dia.

Se não houvesse ajuda das protetoras independentes, o caos já estaria instalado. Algumas ONGs estão lotadas de animais,



Foto: Blog Pet

O trabalho de protetores dos direitos dos animais é fundamental

não podendo dar suporte, pois têm muitas dívidas, ou seja, sem recursos para atender qualquer pedido. Muitos protetores hoje vivem passando privações para ajudar a um animal.

Órgãos públicos e os políticos em geral sempre estão sendo eleitos por defenderem a causa, mas sequer criam um projeto sério que de fato façam a diferença na vida dessas pessoas que se dedicam a ela. Só muita dedicação e amor em prol dos animais para que permaneçam nessa tarefa tão nobre.

Não podemos esperar de braços cruzados, vamos lutar. E gritar para que haja justiça para estes abnegados protetores.

Os governos, tanto os municipais como o do estado, precisam valorizar o trabalho e o empenho desses defensores, nas cidades fluminenses, que não têm nenhum apoio governamental. Chega de descaso do poder público!

Faça Adoção Responsável – contato com Vaneide (21) 98180-9458.

Não compre! Adote um cãozinho ou um gatinho.

Não esqueça: maus-tratos é crime.



Saudade do nosso amigo de luta

Manoel Meirelles

Exemplo do militante, do pai, do marido e do homem Meirelles!

O JAAJ será eternamente grato!

*26/8/1940 †18/3/2022

Marielle e Anderson: 6 anos sem justiça!

No dia 14 de março de 2024, o assassinato político de Marielle e Anderson completa 6 anos.

Por quanto tempo mais teremos que perguntar #QuemMandouMatarMarielle? A equipe do Jornal Abaixo-Assinado, companheiras e companheiros de luta de Marielle Franco sentimos todos os dias sua ausência, mas não esqueceremos jamais seu legado e nem deixaremos de exigir respostas para que esse crime contra a democracia não seja esquecido jamais.

6 anos sem Marielle, 6 anos de luta incansável por justiça e por seu legado.

É preciso coragem para vencer o fascismo!

As rosas da resistência nascem no asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas.



Marielle Franco

PENSADOR

EXPEDIENTE



JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64. Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br - www.jaajrj.com.br - Tel (21) 97143-4821

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial:

Marcus Aguiar, Pablo das Oliveiras, Aginaldo Martins, Almir Paulo, Renato Cosentino, Renato Dória, Anna Karolina, Carla Scott, Roberto Senna (Cabral), Severino Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Honorato, Sílvia da Costa, Val Douglas Aguiar, Ione Santana, Costa, Valmiria Guida, Vaneide Ivan Lima, Jane Nascimento, João Carmo, Vanessa Guida e Wladimir Magalhães, Manoel Meirelles, Loureiro.

Coordenação Geral:

Almir Paulo e Val Costa.

Arte e Diagramação:

Jane Fonseca.

Gestora de Redes Sociais:

Sílvia da Costa

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.



Felipe Lucena
Jornalista

Felipe Lucena é jornalista, roteirista e cronista.

Estudou na FACHA e já escreveu para veículos como Lance, Extra, Portal, Diário do Rio, entre outros. Ele agora é colunista do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens para escrever na defesa da região que mora.

Onda de roubos próximos ao Parque Olímpico assusta moradores

Denúncias de pessoas roubadas nos arredores da Lagoa de Jacarepaguá são cada vez mais constantes nas páginas e grupos sobre o bairro na Internet. Relatos de perdas de pertences – com ou sem violência durante o ato do crime – chamam cada vez mais a atenção.

"Eu parei de andar de bicicleta na área do antigo Parque dos Atletas, porque fui assaltado e vi outros crimes lá. Roubaram minha mochila com celular e minha bike", afirma Sérgio Costa, contador e morador da região há mais de 20 anos.

Esses tipos de crimes têm roteiro: um grupo de homens jovens, alguns menores de idade, ficam escondidos em áreas onde há árvores e quando passa uma vítima, atacam. Em alguns casos, usam objetos cortantes e pedras pesadas. Os atos acontecem à noite ou de dia.

Uma das vítimas mais recentes, que preferiu não se identificar, disse que estava caminhando pela Salvador Allende, próximo à estação Morro do Outeiro, na ciclovia,



Antigo Parque dos Atletas acontecem os assaltos

quando foi atacada por cerca de 10 homens. Eles lhe deram pedradas e fugiram com um celular e uma carteira.

Segundo dados do Instituto de Segurança Pública (ISP) que faz levantamentos para a Polícia Militar, na Circunscrição Integrada de Segurança Pública (CISP) 32, que

corresponde aos bairros Anil, Cidade de Deus, Curicica, Gardênia Azul, Jacarepaguá e Taquara, foram 2008 registros de ocorrência neste mês de janeiro de 2024. Nem todos de roubos e furtos, vale frisar.

Foram registrados 59 furtos de celular na região neste último janeiro. Três bicicletas e 19 transeuntes furtados no mesmo período. Roubos a transeuntes chegaram a 46 em janeiro de 2024. Quanto aos celulares, 19 foram roubados no período citado.

As forças de segurança sempre alertam para que as vítimas façam o Boletim de Ocorrência na delegacia mais

próxima de onde o crime aconteceu.

"Moramos em uma área legal para fazer coisas ao ar livre, mas infelizmente não está sendo possível por causa dessa violência", afirma o farmacêutico Igor Motta.



Douglas Aguiar
Estudante de jornalismo

Jacarepaguá contra a dengue

O Rio de Janeiro está com sinal de alerta ligado por conta do mosquito *Aedes aegypti* que é o mosquito transmissor de doenças como Zika, Chikungunya e Dengue.

O estado registrou 17.544 casos de dengue apenas no mês de janeiro deste ano. O número é 12 vezes maior que o registrado no mês de janeiro do ano passado (1.441). O prefeito Eduardo Paes e o governador Cláudio Castro decretaram estado de emergência em saúde pública

Ao longo dos últimos meses, para combater e auxiliar a população nessa luta, como os moradores do condomínio Jardim Pindorama, em Jacarepaguá, na Zona Oeste da cidade, que vivem há mais de quatro anos com um enorme buraco no meio de uma escadaria de acesso, que corre risco de desabar, além de outros graves problemas. E com a alta dos casos de dengue no município, o local também se tornou um possível foco do mosquito *Aedes aegypti*. Os moradores estão preocupados.

Além das ações preventivas para evitar a proliferação do mosquito transmissor, a Prefeitura do Rio inaugurou 10 (dez) polos de atendimento a pacientes com a doença espalhados pela cidade. A primeira unidade fica em Curicica, na Clínica da Família Raphael de Paula Souza, que está completamente preparada para o diagnóstico e tratamento das pessoas com dengue, com pontos para hidratação venosa ou oral, conforme necessidade de cada



Cratera no meio de escadaria causa risco de desabamento e foco do mosquito da dengue no condomínio Jardim Pindorama

caso. O polo também conta com 20 cadeiras de medicação, consultórios e sala de coleta de sangue.

Outros 9 (nove) polos foram criados e ficam localizados em Santa Cruz, Campo Grande, Bangu, Madureira, Del Castilho, Tijuca, Centro e no Complexo do Alemão, e no último dia 14 de fevereiro foi inaugurado o décimo polo, no Supercentro Carioca de Saúde, em Benfica, na Zona Norte da cidade, uma unidade com capacidade para atender 120 pacientes por dia.



Essa luta é de todos, a conscientização da população se faz necessária, e as principais recomendações para a população são: evitar água parada em suas casas em recipientes como vasos de planta, pneus velhos, tonéis d'água, piscinas, garrafas e vasilhames, entre outros; limpar periodicamente locais como lixeiras, ralos, bebedouros de animais e outros objetos que possam acumular água; não despejar lixo irregularmente em terrenos baldios e outros locais inadequados.

Em caso de sintomas como dor de cabeça, dor atrás dos olhos, no corpo e nas articulações; febre alta; mal-estar; e manchas vermelhas pelo corpo é preciso procurar atendimento médico o mais breve possível.

Todo cuidado é necessário, porque a dengue mata.



Maria de Lourdes Silva
Professora da Faculdade
de Educação da UERJ

Maconha medicinal panaceia para todos os males?

Caro leitor, em nossa última conversa por aqui, nós falamos sobre a chegada da maconha medicinal ao Sistema Único de Saúde – SUS no Rio de Janeiro. Comentei que os preparados da planta se destinavam ao tratamento de uma série de enfermidades. Mas a estrada que fez a sociedade chegar até esse ponto não foi nada fácil de percorrer e há ainda uma série de questões sobre o assunto que eu gostaria de compartilhar com você.

Para começo de conversa, eu uso aqui a expressão “maconha medicinal” e não “cannabis medicinal” e por que faço isso? Primeiro, porque cannabis e maconha são nomes dados a uma mesma planta e, segundo, porque alguns setores envolvidos com o mercado dos usos medicinais desta planta querem diferenciar a cannabis (entendida como a planta medicinal) da maconha (considerada como planta proibida e demonizada), criando

com isso a falsa ideia de que se trata de plantas diferentes. Não são. É o capitalismo canábico quem tenta criar essa distinção. Esse esforço diz muito sobre uma linha de conduta que quer tirar proveito dos benefícios da planta sem abrir caminhos para um debate maior a respeito da proibição da cannabis, permitindo que se conviva com um comércio (legalizado e muito lucrativo) dos usos medicinais da planta ao mesmo tempo em que se mantém a perseguição, a condenação à prisão e à morte de quem faz uso não medicinal da planta. Mas se a planta serve para tratar pessoas, por que ela permanece proibida?

Historicamente, houve muita luta e enfrentamento para que chegássemos no atual estágio em que se reconhece os usos medicinais da maconha. Imagine que há algumas décadas para se investigar as propriedades terapêuticas das inflorescências da maconha os pesquisadores corriam risco de serem tratados com traficantes. Afinal, para fazer pesquisa científica sobre maconha é necessário ter a planta em mãos. Além disso, só havia financiamento para as pesquisas que investigassem os malefícios da planta. As pesquisas interessadas em estudar as propriedades terapêuticas da planta eram sufocadas por burocracias e exigências que, muitas vezes, impediam sua continuidade. A proibição e o preconceito são os responsáveis pelo atraso das descobertas e do aproveitamento dos benefícios dessa planta pela sociedade.

Outro ponto importante é que a maconha medicinal faz parte de uma proposta de medicina natural sendo, nesse sentido, uma resposta e um posicionamento político às investidas e aos abusos da indústria farmacêutica. Mas não se engane, leitor, o mercado canábico já se organizou para usufruir dos benefícios da planta sem, contudo, favorecer a sociedade. Isso significa dizer que enquanto uma parte da sociedade ganha muito dinheiro com os produtos oriundos da maconha, outra parte continua sofrendo os achaques da polícia, tomando cadeia e



sendo morta por fazer um uso não medicinal da mesma planta, já que a maconha continua proibida.

Aliás, os chamados “usos não terapêuticos/medicinais” da maconha precisam ser melhor compreendidos (e esse é outro ponto do debate que eu quero compartilhar). Há uma corrente de pensamento na sociedade que associa a maconha com atos violentos, embora a literatura produzida pelos estudiosos do assunto concorde com o fato de que a maconha fumada produz efeitos contrários à violência. Seu uso, dizem eles, relaxa, destrava o pensamento, permite novos olhares sobre as coisas e as pessoas, induz a estados emocionais positivos, melhorando o humor, provocando riso, propiciando calma, estimulando interações sociais mais amistosas, mais cordatas. Sua capacidade de causar dependência e danos é menor do que o provocado por drogas legais, como álcool e tabaco, e os riscos de provocar surtos psicóticos em indivíduos com pré-disposição são relatados como raríssimos, embora existentes. Numa sociedade tão frenética, tão acelerada e individualista como a nossa, com tantos transtornos e sofrimentos psíquicos e emocionais, a maconha não ofereceria uma oportunidade de sair desse turbilhão e experimentar um estado de bem-estar? E isso não seria uma forma de promover saúde? Pois é, caro leitor, esse debate vai longe...

Um fato que não pode ser esquecido é que o mercado se organiza para ganhar dinheiro. É assim que funciona o capitalismo. E o mercado dos produtos medicinais à base de canabidiol (o composto fitoquímico da maconha mais estudado e, até aqui, mais usado pelo mercado medicinal da planta) está crescendo muito e rapidamente, o que tem gerado alguns complicadores. É fato que os preparados da planta têm aplicação comprovada cientificamente para várias enfermidades, entre elas, a Síndrome de Dravet (um tipo de epilepsia grave que provoca inúmeras convulsões), a esclerose múltipla, as dores crônicas, entre

outras. Mas há em circulação outras indicações terapêuticas cujas pesquisas clínicas ainda estão em curso e sobre as quais a ciência ainda não reuniu provas incontestáveis. Para isso as pesquisas existem e precisam ter continuidade.

Por outro lado, a sociedade brasileira tem demonstrado boa aceitação do medicamento. Segundo matéria publicada no jornal O Globo, em 14/12/2023, de 2015 até outubro de 2023, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária-ANVISA já havia concedido mais de 269 mil permissões para importação do canabidiol a empresas e indivíduos. Apenas em 2023, até o mês de outubro, foram 114.782 autorizações concedidas, uma alta de 73,4% em comparação com o ano anterior, diz o jornal. As autorizações para importação do canabidiol têm dobrado a cada ano desde 2018, cres-

cendo cerca de 110% ao ano, segundo a empresa de consultoria em produtos canábicos, Kaya Mind.

Contudo, considera-se que o cenário atual da maconha medicinal anda um tanto nebuloso, pois existem empresas dedicadas à venda do produto fazendo prescrição da substância para obesidade, dermatites e psoríase, cólicas menstruais, colesterol alto e até calvície! Os representantes dessas empresas oferecem variados benefícios aos médicos para que prescrevam seus produtos. Essa prática não é nova e há muito carece observar a ética que orienta tais condutas no setor. Ninguém duvida de que o campo da pesquisa científica sobre o uso medicinal da maconha é amplamente promissor e de que há empresas com condutas éticas, mas quando se fala do mercado canábico há que se ter cautela. A busca pela ampliação do mercado canábico tem facilitado práticas pseudocientíficas, com empresas prescrevendo o canabidiol para uma série de enfermidades cujas pesquisas científicas ainda não mostraram resultados comprovados.

Esse cenário, certamente, embaça a visão e não permite separar o joio do trigo. A maconha medicinal tem usos comprovados e sustentados pela ciência? Sim, tem. Mas existe também um mercado faminto metendo os pés pelas mãos e atuando em áreas exclusivas do profissional da saúde. A sociedade brasileira precisa ficar atenta a essas questões, pois se a maconha permanece criminalizada, se as pesquisas continuam sofrendo constrangimentos, se os preconceitos e inverdades sobre a planta continuam sendo repetidos e circulando e se o mercado canábico continua atuando sem regulação, um sistema ainda mais perverso e excludente se instala, beneficiando uns e penalizando outros. Portanto, temos que ampliar e participar desse debate, permitindo às pessoas tomarem conhecimento dessas e outras questões. Só assim poderemos, como sociedade, interferir no assunto e direcioná-lo para caminhos mais éticos, mais inclusivos e democráticos.



“A gente tem que sonhar, senão as coisas não acontecem.” (Oscar Niemeyer)

Almir Paulo

O ano de 2024 e os nossos desafios e sonhos

Nossa trajetória tem sido de constantes desafios, desde o lançamento em março de 2005 (edição número zero) do JAAJ – *Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens*. São 19 anos na defesa da região!

Nesse março de 2024, aí estamos nós na nossa 172ª edição inúmeros projetos e expectativas.

Temos convicções históricas de que a grande mídia está literalmente a serviço do capital e seus interesses de controle político, econômico e social da cidade que vivemos. O movimento e a luta popular não têm espaço nos veículos de comunicação de massa.

Daí, nosso singelo esforço de manter mensalmente a impressão do *Jornal Abaixo-Assinado*. Nele, debatemos, denunciamos e divulgamos as lutas contra o desmantelamento e a precariedade do sistema de saúde, a falta de investimentos em habitação popular e saneamento básico, o descaso com a preservação do patrimônio histórico, a desvalorização da cultura popular, a destruição do meio ambiente, a falta de prioridade para educação, bem como o massacre das comunidades com remoções arbitrárias apenas para favorecer a especulação imobiliária.

No plano nacional, o *Jornal Abaixo-Assi-*



nado se mantém firme pela democratização dos meios de comunicação, contra o racismo e o feminicídio, em apoio à luta LGBTQIAPN+, debatendo a questão das drogas e pelo fortalecimento da democracia. Ditadura nunca mais. A ditadura militar foi extremamente violenta. Não devemos esquecer jamais as suas atrocidades.

“No dia 31 de março ou 1º de abril de 1964 é deflagrado o golpe civil-militar que instauraria a ditadura sob a qual o país viveu por mais de duas décadas, até a posse do primeiro presidente civil, em 1985, e a elaboração e promulgação da Constituição democrática de 1988. Não foi uma “ditabranda”, como costumam

relativizar alguns daqueles que lhe ofereceram complicidade ou conivência. A ditadura, desde seus primeiros momentos, valeu-se da sistemática violação dos direitos humanos dos cidadãos brasileiros: os agentes do Estado cometeram 434 assassinatos e desaparecimentos identificados; 210 de suas vítimas continuam desaparecidas. Durante o período mais violento da ditadura, sob vigência do AI-5.” (Observatório das Desigualdades)

É obsessão do nosso coletivo a construção de uma Rede Popular de Comunicação (RPC) objetivando a organização de diversas mídias para divulgação das reivindicações populares, de reflexão e debate sobre os proble-

mas que afligem nosso povo, comunidades e cidades.

Em 2024, os nossos desafios são: implantação dos correspondentes comunitários; dinamização do Instagram, do Site e do Facebook; criação da TV RPC; intensificação da campanha de financiamento via Catarse; ampliação para cinco mil exemplares do jornal impresso; e a reorganização da Editora RPC para o lançamento de livros.

Estou com Oscar Niemeyer, sonhar é possível e necessário! Estamos na luta e somos sonhadores e lutadores persistentes. O *Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens* é pra lutar!



Você conhece o Jardim das Ervas Sagradas? A militância da ialorixá e quilombola Luizinha Nanã Viva o 8 de março

Jane Nascimento*

Jane Nascimento entrevista Luizinha de Nanã, ialorixá e Defensora de Direitos Humanos, que é uma militante que luta contra o racismo institucional, o racismo religioso e o racismo ambiental. Sua luta é também pela educação do povo negro e da mulher negra.

Participante ativa na luta contra as expulsões realizadas pela Prefeitura do Rio de Janeiro, por ocasião das Olimpíadas do Rio de Janeiro 2016, que culminou na retirada violenta de cerca de 76.000 pessoas de suas moradias. Ex-Integrante do movimento “Liberte Nosso Sagrado”.

Primeira liderança condecorada com o Prêmio Dandara (2015), concedido pela ALERJ, pela defesa dos povos tradicionais. Também recebeu a Comenda Pedro Ernesto (2015), conferido pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, na luta contra as violências ocorridas na Vila Autódromo durante as remoções nas Olimpíadas Rio 2016.

Apresentou relatório de denúncia à ONU em 2018, sobre violência, agressões e assassi-

A história de luta das mulheres de Jacarepaguá e da Zona Oeste

natos contra templos e integrantes de religiões de matrizes afro-brasileiras no Brasil. Integrante do grupo ONU Mulheres. Luta em defesa dos Quilombos e das comunidades das regiões das Vargens e da Área dos Alagados, através da Teia de Solidariedade Zona Oeste.

Luizinha de Nanã tem a garra como enfrentamento necessário para evoluir no que se empenha a proteger. “Tenho que ter vontade muito grande para contribuir na evolução de uma sociedade melhor, com menos racismo e preconceito, com mais respeito pela natureza e com o outro.”

O fato das pessoas verem com naturalidade o estado de poluição dos rios, canais e mangue, e aceitarem a poluição como se fosse normal, foi o que chamou a atenção de Luizinha para a luta ambiental unindo ao seu grande amor aos orixás. Ela apresentou um abaixo-assinado com 860 assinaturas pela limpeza e retirada de entulhos na Av. Levy Neves, na Brisa. A COMLURB acolheu a reivindicação e fez a limpeza. O Canal da Piaí costuma transbordar e invadir ruas

e casas. Com a limpeza, ouve um escoamento melhor das águas, diminuindo o perigo de contaminação.

Luizinha finaliza revelando como renova suas forças. “Peço muita força aos meus orixás. Faço meditação e Reiki, agradeço a Olorun pelas redes de apoio que tenho encontrado.”

O Jardim das Ervas Sagradas é um projeto de Educação Antirracista e Socioambiental

A militância da ialorixá e quilombola Luizinha Nanã visa à socialização das comunidades de culturas afro-brasileiras com as ervas, que são sagradas por si só, independentemente de religião. As religiões de matriz afro-brasileira prezam estas ervas e a cultuam tendo nelas o motivo da dinâmica da vida.

O projeto pretende ir as escolas levando conhecimento e incentivo na construção de hortas, como também realizar um trabalho de assistência às mulheres negras, com terapias tradicionais e alternativas holísticas e na aplicação de administração de chás de ervas.



Transporte de graça pra todo mundo! Entre nessa luta!

Você conhece a minha campanha pela implementação da Tarifa Zero no Rio de Janeiro?

Imagine economizar com o ônibus e poder dedicar essa quantia a outras coisas?

Esse projeto já existe perto da nossa cidade, em Maricá! Por lá o transporte é entendido como um direito que faz a economia da cidade girar, e são ônibus de qualidade!

Outras cidades já estão conhecendo e implementando a Tarifa Zero, por que não trazer para a cidade do Rio de Janeiro?

Entre nessa luta se gostou da ideia! Assine e compartilhe o manifesto pela Tarifa Zero!

<https://forms.gle/yqFmsAMJuwxiXpXp9>
Firme na Luta



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Janis Alessandra Pereira Cassilia - Pesquisadora do IHBAJA, Professora de História e Mestre em História das Ciências e da Saúde (COC/Fiocruz)

Jacarepaguá e seus hospitais de isolamento - parte 2

Na edição passada do JAAJ falamos sobre o Colônia Juliano Moreira e o Hospital-Colônia Curupaiti. Nessa destacamos o Hospital de Santa Maria e o Conjunto Sanatorial da

Curicica. É a história rica de nossa região que você, caro leitor, lê no Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens.

Hospital Sanatório Santa Maria
(atual Hospital Estadual Santa Maria)



Hospital de Santa Maria, em Jacarepaguá, s/d.

Sua construção teve início em 1939, em terras da antiga Fazenda Santa Maria. Foi inaugurado em 1943, mas só começou a atender pacientes em 1945, com 26 enfermos transferidos do Hospital São Sebastião. Era um hospital destinado ao isolamento e tratamento de tuberculosos, com capacidade de 546 leitos, e fazia parte do projeto de construção de diversos sanatórios no Brasil, a cargo do Departamento Nacional de Tuberculose (DNT), do Ministério da Educação e Saúde (MES).

Localizado em terreno elevado de difícil acesso, recebia pacientes transferidos de diversas instituições e a partir dos anos de 1960 passou a estar sob a responsabilidade do governo estadual e a prestar atendimento clínico e cirúrgico. Em meados dos anos de 1970, as cirurgias foram interrompidas, dedicando-se à internação e isolamento dos pacientes tísicos.

Com a passagem do tempo formou-se uma comunidade ao redor do Hospital. Diversas enfermarias e pavilhões foram desativados e abandonados. Nos últimos anos, os conflitos entre o tráfico de drogas e a milícia que disputam território na região, atingiram o hospital que foi fechado pelo poder público estadual em 2019.

Conjunto Sanatorial de Curicica
(atual Hospital Municipal Raphael de Paula Souza)

Inaugurado em 1951 e funcionando a partir de 1952, o Conjunto Sanatorial de Curicica foi destinado a internação de tísicos e do tratamento da tuberculose. O hospital foi projetado pelo arquiteto Sérgio Bernades e é um exemplo arquitetônico único entre os hospitais de isolamento de Jacarepaguá. A criação do hospital fazia parte do programa federal Campanha Nacional contra a Tuberculose (CNCT), do Serviço Nacional de Tuberculose (SNT) que propunha a erradicação da doença no Brasil em até 10 anos. O tratamento para a tuberculose foi criado em 1946 e, portanto, acreditava-se que o isolamento dos doentes em Jacarepaguá, proporcionava solução para a disseminação e a cura através do tratamento pelo antibiótico estreptomina.

O Conjunto Sanatorial Curicica possuía capacidade para 1.500 leitos, era composto biblioteca, enfermarias, laboratório, centro cirúrgico, maternidade, biblioteca, administração, necrotério, alojamento para médicos e diretor, centro médico, biotério, capela, estação de tratamento de esgoto, subestação de luz e força, entre outros prédios típicos de hospitais de isolamento e que também existiam na Colônia e no Curupaiti.

A partir da década de 1980, o hospital foi dividido em duas partes. Uma administrada pelo município do Rio de Janeiro, que compunha o hospital, os serviços ambulatoriais e a administração, e outra composta pela Casa do Diretor e alojamentos que passaram a compor um centro de pesquisa, Centro de Referência Hélio Fraga, da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), Fiocruz. A parte sob responsabilidade do município encontra-se em estado de má conservação e completo abandono, com pavilhões, enfermarias fechadas, inclusive o centro cirúrgico. Parte do terreno original do hospital sofreu com invasões e a criação de uma comunidade. Além disso, foi construída uma creche municipal e pavilhões foram demolidos pelo poder público alegando-se perigo de desabamento.



"Vista aérea das obras do Sanatório de Curicica",
fotografia com data de 25 de março de 1950.



Rodrigo Hemerly
Historiador & professor

O Jornal Abaixo-Assinado ganhou mais um colunista, Rodrigo Hemerly. Um jovem morador da Freguesia que é historiador, professor, bacharel e licenciado em História e especialista em Avaliação Educacional pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O primeiro texto do colunista Rodrigo Hemerly relata a Revolta da Chibata.

A Revolta da Chibata (1910) Motim ocorrido na Marinha do Brasil no alvorecer do século XX

A Revolta da Chibata foi uma das diversas revoltas ocorridas nas Forças Armadas do Brasil durante a virada do século XIX para o século XX, cabendo ressaltar que este motim aconteceu no mês de novembro de 1910 nas fileiras da Marinha do Brasil, tendo como líder principal o marinheiro João Cândido Felisberto. Esta revolta se deu no contexto histórico relativo ao processo de modernização conservadora da Marinha do Brasil, porque, ao modernizar os meios navais dessa instituição militar, o Estado brasileiro acabou não modernizando nem o recrutamento dos marujos nem as relações sociais entre os praças e os oficiais, criando assim uma situação ambígua, o que favoreceu o surgimento desse motim.

O principal motivo para o surgimento da Revolta da Chibata foram os castigos corporais aplicados aos marujos

da Marinha do Brasil, os quais eram previstos na legislação brasileira na virada do século XIX para o século XX, que foram amplamente usados pelos oficiais dessa força naval atrelados à precária situação da marujada (baixos salários, excesso de trabalho e má qualidade da alimentação). A razão imediata para a eclosão dessa Revolta foi o castigo corporal aplicado ao marinheiro Marcelino Rodrigues Menezes, que tinha ferido seu colega de serviço, pelo fato de ter sido denunciado por ele ao entrar com bebida alcoólica em um navio da Marinha do Brasil.

Os marinheiros tomaram posse dos principais meios navais da Marinha do Brasil e, sem opção para contornar aquela situação, o governo brasileiro concedeu anistia aos revoltosos, a qual foi desrespeitada posteriormente pelas autoridades brasileiras.



A Revolta da Chibata - uma imagem histórica



Cíntia Travassos
Produtora

A arte da carioca da Praça Seca Elvira Vicente

Elvira Vicente é carioca, nasceu no bairro do Andaraí, mas com três meses de idade foi morar em Jacarepaguá, E hoje tem orgulho de dizer que é carioca da Praça Seca.

A arte entrou na vida da talentosa Elvira Vicente de forma instintiva, pois ela sempre gostou de dançar, entretanto, como nunca pôde aprender essa arte, seja em uma escola ou academia, então imitava as dançarinas que via nos programas de televisão.

Aos 29 anos, casada e com dois filhos, resolveu fazer alguma coisa que realmente gostasse e que aliviasse o estresse do dia a dia. E foi quando recebeu em seu local de trabalho uma revista informativa do Sesc. Contudo, entre todas as suas atividades, apenas a dança do ventre cabia em seu horário livre. Elvira Vicente decidiu então assistir a uma aula e se apaixonou, não somente pela dança como também pelos benefícios que ela é capaz de trazer para quem a pratica, o que literalmente a salvou, pois dois meses antes de completar 30 anos infartou e, graças a Deus, está viva para contar tudo isso.

Atualmente, além de professora de dança é *design* de moda. Em seu trabalho, procura fazer com que suas alunas se percebam, se valorizem e busquem dentro de si o seu melhor. E todo o seu empenho é reconhecido por suas alunas por meio de *feedbacks* positivos, o que a deixa com a certeza de missão cumprida.

Na pandemia, ela precisou se reinventar e se adap-



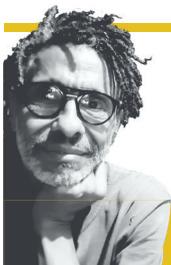
Acima, Elvira Vicente
esbanjando alegria
e charme através da
dança oriental árabe



Ao lado, Elvira
Vicente e alunas
participando do
Festival Romalé com
a dança do ventre

tar ao que estava acontecendo, e passou a dar aulas de dança de forma híbrida. O seu sonho é viver em um mundo com mais justiça, igualdade e oportunidades para todos.

Quem quiser saber mais sobre o trabalho artístico ou até mesmo fazer aula de dança com Elvira Vicente, basta entrar em contato pelo perfil @elvira_vicente_bellydancer ou pelo telefone (21) 98295-5310.



Pablo das Oliveiras
Professor & Poeta

Uma fábula

Uma família comum, como quase todas são. Todos os dias, pela manhã, a mãe prepara o café, põe o que tem à mesa, o pai e o casal de filhos se servem; ela pensa: “o que não puder fazer agora, farei na volta”. O pai toma um café pequeno e sai antes das crianças, mesmo sendo grandes de corpo, ainda são chamadas de crianças. Ela, a mais nova, parece ter mais tino no trato com o mundo. Ele, o filho, já tenciona desfrutar o vigor que já lhe brota à carne. Todos seguem aos serviços fora. O tempo do retorna para casa tem hora certa para a mãe, quase regular para o pai e indefinida às crianças.

Foi durante um café da manhã que o noticiário alertou para a virada no tempo... a chegada de uma frente fria, com forte temporal sobre a cidade. Alertados, todos saíram munidos de guarda-chuvas na bolsa, capas nas mochilas e pés bem calçados com sapatos fechados. A previsão se cumpriu. Raios, trovões e um aguaceiro a desabar no mundo. Todos voltaram a segurança da casa. Jantaram juntos, coisa rara de acontecer, e bem na hora da novela, a luz piscou... piscou... apagou e o bairro ficou um breu. A conversa, que era pouca, silenciou. A luz azul dos celulares ligados falava mais alto. Naquela noite, todos dormiram um sono profundo.

A rotina das manhãs não amanhecera. Uma pergunta repercutia pela casa: “Alguém viu meu celular? E o meu, cadê? Não acho o meu em lugar nenhum... Se for brincadeira, pode

parar, isso não tem graça nenhuma... Olha só! O computador também sumiu! Não é possível! Como isso pode acontecer? A gente estava bem aqui, quem fez uma coisa dessa?” Uma surpresa... um espanto... um pavor... uma apatia... causaram o mal-estar na manhã do dia que mal começara. A mãe sentiu-se ansiosa em pôr tudo de volta à ordem... o pai perdeu a condução, antevia uma viagem longa demais... as crianças estressadas suavam frio, num quase pânico, um vazio desesperador fazendo o coração disparar... Era imperativo comunicar o furto para bloqueio dos aparelhos e depois cumprir as obrigações de mais um dia de trabalhos.

A mente de cada um martelava: “Como vou recuperar aqueles dados... E se aquele arquivo for vazado... As minhas fotos... Vou ficar sem contatos... Vou perder a resposta que eu estou esperando?” ... Fazer qualquer tarefa era um estorvo, opressiva e sem sentido. O dia não se cumpria em chegar ao fim. Ao chegar em casa era como se tivesse num lugar estranho e o assunto inevitável, não tinha paradeiro: “Tô me sentindo sem pé e sem mão... Não dá pra ficar sem celular! Pra trabalhar, eu preciso de um iphone... Tem aluguel, luz, água gás e prestações pra pagar, o dinheiro tá curto!” ... Tudo era necessidade!

Uma pancada da chuva caiu novamente... a luz piscou... piscou... apagou e o bairro ficou um breu. A mãe se lembrou de acender uma vela. O lume da vela tremelicava no miolo da roda de conversa interrompida. O foguinho tão miúdo quanto mágico alumiu o silêncio dentro de cada um, um



imensurável tempo. E a luz voltou! A sala se encheu de claros e, nesse momento, as sobras pareciam não existir. Pareciam... Um sonzinho na sala, um fio de nada de som fluiu de boca em boca, num coro de voz baixinho e buscando afinação. Talvez na regência do lume da vela ainda acesa...



O massacre da Praça Sentinela e os 60 anos do golpe Civil-Militar

Yakaré Upá Guá Val Costa - Texto e fotos
Pesquisador do IHAJA e professor de História e Geografia

Entre 31 de março e 1º de abril de 1964, o então presidente João Goulart foi deposto por um Golpe Civil-Militar que lançou o país em uma ditadura por 21 anos. Ao tentar implementar reformas estruturais no Brasil, como a desapropriação das terras improdutivas, o tabelamento dos aluguéis e a nacionalização das refinarias de petróleo pertencentes ao capital privado, Goulart desagradou diversos setores da sociedade que tramaram para o fim da chamada Quarta República. No dia 2 de abril de 1964, o senador Auro de Moura declarou vaga a presidência do Brasil e no dia 9 do mesmo mês o marechal Humberto Castello Branco foi escolhido como presidente da República por uma

eleição indireta realizada no Congresso Nacional.

Uma aprazível praça localizada no bairro da Taquara foi o cenário de um lamentável fato ocorrido durante esse período e elucidado pela Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP). No dia 27 de outubro de 1973, quatro militantes do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) foram assassinados nos arredores da Praça Sentinela. Segundo a comissão supracitada, tudo aconteceu por volta das 22h, quando dezenas de pessoas armadas saíram de oito carros e dispararam vários tiros contra os quatro que estavam nos arredores da praça. Três deles foram colocados dentro de um fusca vermelho no qual, logo depois, foi lançada uma bomba.



Praça Sentinela

O saldo final não poderia ter sido mais trágico: três pessoas carbonizadas e uma mulher morta com quatro tiros.

Almir Custódio de Lima, Ramires Maranhão do Valle, Ranúzia Alves Rodrigues e Vitorino Alves Moitinho foram as pessoas assassinadas nesse fatídico dia. Décadas depois, descobriu-se que os agentes do DOPS foram os responsáveis pelas mortes dos quatro e também pela explosão do carro. Os detalhes desse acontecimento constam em uma obra que reúne os dados e as informações sobre as circunstâncias das mortes e dos desaparecimentos de aproximadamente 400 pessoas durante esse período: “Dos filhos deste solo”, de Nilmário Miranda e Carlos Tibúrcio. Esse episódio também foi retratado na série “Anos Rebeldes”, da Rede Globo. A protagonista usava o nome fictício de Heloísa e foi

interpretada por Cláudia Abreu.

Localizada entre as ruas Gazeta da Noite e Gazeta da Tarde, a praça recebeu esse nome em homenagem a um jornal do Período Imperial chamado “A Sentinela da Liberdade”. Parece irônico e ao mesmo tempo trágico que a praça tenha esse nome! A lembrança desse lamentável episódio ocorrido durante a ditadura civil-militar é fundamental para a manutenção da memória social, pois combate o esquecimento e o silêncio, ensinando a lidar com traumas coletivos e individuais na transição para a democracia. Como aponta a cientista social Elizabeth Jelin, a necessidade de encarar “o legado da repressão estatal e os horrores do passado” impôs-se pela “convicção de que não se pode construir democracia com o esquecimento”.



Praça Sentinela



Há 19 anos, nós escrevemos sobre pessoas que defendem ativamente uma causa

JORNAL **ABAIXO ASSINADO** JPA

Seja assinante do jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

www.catarse.me/jaajrj

